



UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO
URBANO RESILIENTE AO CLIMA

Financing Urban Climate-Resilient Development



International Journal of Environmental Resilience Research and Science (IJERRS)
Revista Internacional Resiliência Ambiental Pesquisa e Ciência
ISSN 2675-3456 – Número 1 – Volume 1 – 2019

CONTRIBUIÇÕES DO JORNALISMO PARA O ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

Eloisa BELING LOOSE¹

Eixo Temático: Educação Ambiental e Educação para a Sustentabilidade

Resumo: Vivemos a realidade de uma emergência climática e já conhecemos como seus efeitos podem ser ainda mais agravados (IPCC, 2014) caso medidas acertadas para seu enfrentamento não sejam amplamente adotadas. As cidades já reúnem mais da metade da população mundial, concentrando a maioria dos ativos construídos e das atividades econômicas e apresentando alto grau de vulnerabilidade em relação às mudanças do clima (PBMC, 2016). Diante desse cenário, o jornalismo, entendido aqui como espaço de educação não formal e peça-chave na mediação entre diversos públicos, pode contribuir para o fortalecimento da resiliência urbana e para a disseminação de estratégias de adaptação climática, colaborando para o enfrentamento dos riscos e desastres associados ao clima. A imprensa pode potencializar a mudança para uma cultura mais preventiva, que se mostra cada vez mais necessária e urgente.

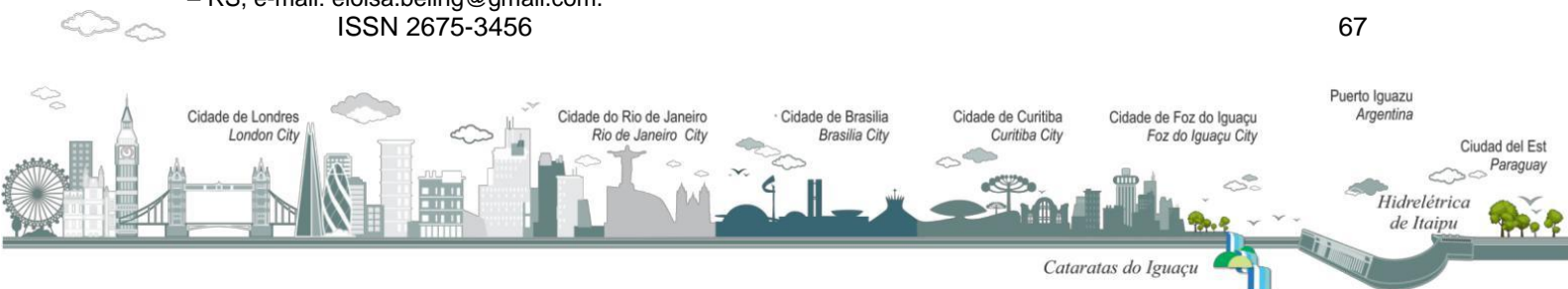
Palavras-chave: Jornalismo; Mudanças Climáticas; Resiliência; Adaptação.

Abstract: We live a reality of a climate emergency and we already know how its effects can be aggravated (IPCC, 2014) in case measured for its coping are not widely adopted. Cities already comprise more than half of the world's population, concentrating most of the built assets and economic activities and presenting a high degree of vulnerability to climate change (PBMC, 2016). Faced with this scenario, the journalism, considered here as the non-formal education space and the key player in the mediation among diverse audiences, can contribute to the strengthening of urban resilience and the dissemination of strategies of climate adaptation, collaborating to the confrontation of risks and disasters. The press can potentiate a shift to a more preventive, increasingly urgent.

Key Words: Journalism; Climate Change; Resilience; Adaptation.

1. INTRODUÇÃO

¹ Vice-líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS), Rua Ramiro Barcelos, 2777 – Porto Alegre – RS, e-mail: eloisa.beling@gmail.com.





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO URBANO RESILIENTE AO CLIMA

Financing Urban Climate-Resilient Development

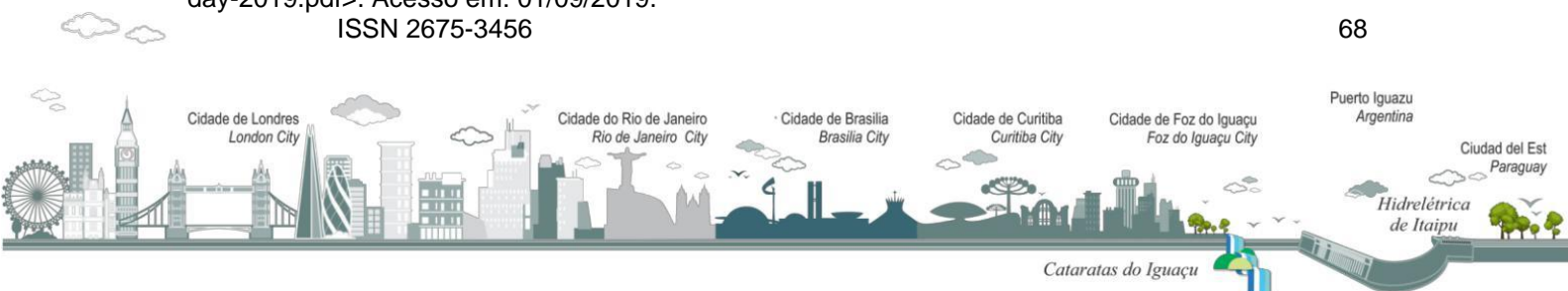


Existe uma vasta produção científica sobre os impactos e riscos associados às mudanças do clima. O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), desde 1988, quando foi criado, alerta por meio de seus relatórios o quanto estamos contribuindo para o aumento da temperatura média do planeta e quais serão as consequências disso a médio e longo prazos (por exemplo: derretimento de geleiras, mudanças nos padrões de precipitações, maior vulnerabilidade de alguns ecossistemas, intensificação de eventos extremos, dentre outros). Tais efeitos desencadeiam problemas sociais, como migrações e deslocamentos, confrontos por recursos naturais, insegurança hídrica, energética e alimentar, e agravamento da pobreza (IPCC, 2014).

Para enfrentar essa emergência climática, é preciso que se promovam ações concretas aos problemas, por meio de estratégias de mitigação (que reduzem as emissões de gases de efeito estufa responsáveis pelas alterações do clima) e de adaptação (que são respostas aos impactos atuais e potenciais oriundos das mudanças climáticas, buscando minimizar possíveis danos e aproveitar as possíveis oportunidades), mas, antes de tudo, informação e sensibilização. Para construirmos sociedades resilientes, que consigam lidar com um determinado evento extremo e manter seu funcionamento, e, dessa forma, diminuir as vulnerabilidades locais, necessitamos também de subsídios para transformar nossas relações com a natureza.

Estudos de opinião pública revelam que a maioria da população está ciente do problema, ainda que perceber o risco não implique, automaticamente, em uma resposta eficaz a essa situação (LOOSE, 2016). Uma pesquisa do Instituto Ipsos (Earth Day, 2019²) revelou que a maioria dos entrevistados de diferentes partes do mundo (37%) percebe o aquecimento global ou as mudanças climáticas como o principal problema ambiental atualmente, um crescimento em relação à percepção registrada em 2018,

² Disponível em: <<https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2019-04/Earth-day-2019.pdf>>. Acesso em: 01/09/2019.





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

**FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO
URBANO RESILIENTE AO CLIMA**

Financing Urban Climate-Resilient Development



quando o tema ficou no topo das preocupações com 30% das respostas, mas empatado com outros dois problemas (poluição do ar e lidar com a quantidade de lixo gerada). No Brasil, uma pesquisa realizada pelo DataFolha (2019)³ sobre o assunto mostrou que 85% dos brasileiros acreditam que o planeta está aquecendo, revelando que há uma percepção geral dos efeitos gerados pelas mudanças do clima.

Apesar disso, pouco se tem falado a respeito das respostas possíveis. Este texto objetiva destacar como o jornalismo, que pode ser entendido como uma forma de educação não formal, pode auxiliar na promoção e amplificação de informações sobre enfrentamento climático⁴ (sobretudo no que tange adaptação e resiliência nas cidades), contribuindo para a formação de uma sociedade mais atenta aos aspectos preventivos e apta a responder de forma adequada e responsável aos desafios que estão postos. Segundo o PNUD (2007), os meios de comunicação desempenham papel estratégico no processo de percepção pública sobre as mudanças climáticas, pois são as principais fontes de informação para o público em geral no que diz respeito às mudanças climáticas.

O relatório do PNUD (2007) chamado “Combater as alterações climáticas: Solidariedade humana num mundo dividido” destaca a função das notícias no esclarecimento dos cidadãos sobre os desafios da intensificação do clima. “As informações sobre os desastres relacionados com o clima, transmitidas pelos meios de comunicação, desempenham muitas vezes um papel preponderante na formação de opinião – e na captação do conseqüente sofrimento humano” (p.9). Tal ressalva está calcada na convicção de que as informações podem contribuir na reflexão crítica e sensibilização das pessoas. Entretanto, ao mesmo tempo, o documento pontua que a

³ Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/07/1988289-para-85-dos-brasileiros-planeta-esta-ficando-mais-quente.shtml>>. Acesso em: 02/09/2019.

⁴ Nesse trabalho englobamos os conceitos de resposta, mitigação, adaptação, resiliência e segurança na ideia ampla de enfrentamento. Mitigação é uma estratégia que traz benefícios globais de longo prazo enquanto a adaptação traz resultados mais locais e regionais de médio e curto prazo. Ambas respostas atuam na redução de vulnerabilidades e no fortalecimento da resiliência – o que aumenta a segurança climática.





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO
URBANO RESILIENTE AO CLIMA

Financing Urban Climate-Resilient Development



orientação ao espetáculo e ao drama, e a sazonalidade da cobertura podem trazer prejuízos para sociedade.

Um relatório especial sobre mudanças climáticas e cidades produzido pelo Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC, 2016, p.86) informa que “[...] o poder público deve atuar na promoção de uma transição para um modelo urbano sustentável, com a definição de políticas que privilegiem a eficiência energética e melhor uso dos recursos naturais em todas as atividades urbanas [...]”, contudo, para que as medidas tenham êxito, é fundamental que haja uma mudança de comportamento da sociedade. “A transição para uma economia de baixo carbono é inevitável” (*Ibid.*) e, portanto, a comunicação e educação voltada para essa transformação social tornam-se imprescindíveis para que as soluções técnicas e novas formas de viver sejam adotadas.

2. ADAPTAÇÃO E RESILIÊNCIA NOS CONTEXTOS URBANOS

De acordo com previsões da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2050 quase sete pessoas em cada dez viverão nos grandes centros urbanos. Na Cúpula Mundial de Prefeitos, que aconteceu em Copenhague de 9 a 12 de outubro, António Guterres, secretário-geral da ONU, afirmou que os centros urbanos hoje respondem por mais de 70% das emissões globais de carbono, sendo de extrema relevância as medidas assumidas pelos prefeitos daqui para frente. É por isso que o contexto urbano se torna um aspecto-chave para enfrentarmos a mudança do clima. O 5º Relatório do IPCC (2014) já apontava para a concentração de riscos em áreas urbanas, tais quais: precipitações extremas, inundações, deslizamentos de terra, poluição do ar, escassez de água e estresse por calor. E os riscos são mais sentidos justamente pela população mais pobre, que reside em habitações de baixa qualidade, em áreas de risco, e com acesso precários a serviços essenciais.

ISSN 2675-3456

70





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

09 a 13
Setembro
2019

**FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO
URBANO RESILIENTE AO CLIMA**

Financing Urban Climate-Resilient Development



Na América Latina, no qual muitos países sofrem os impactos por serem fortemente dependentes dos recursos naturais, a adaptação baseada nos ecossistemas, contratos de conservação e gestão comunitária de áreas naturais estão ocorrendo (IPCC, 2014). Entretanto, as iniciativas de adaptação e que remetam à resiliência das cidades ainda carece de mais atenção, sobretudo da imprensa, que tende a não pautar muito o tema. Mesmo em países bastante vulneráveis aos riscos climáticos, há pouca cobertura sobre mitigação e adaptação climáticas (TAKAHASHI, 2003).

O conceito de resiliência ganhou mais atenção na discussão climática nos últimos anos. No entanto, nem sempre seu significado é claro. McGreavy (2016, p.109, tradução nossa) observa que “[...] as definições de resiliência geralmente enfatizam o enfrentamento, que se baseia na redução da vulnerabilidade, na resistência e na adaptação às mudanças, e no retorno a uma situação desejável o mais rápido possível⁵.” Contudo, é preciso observar que tais definições são oriundas de um campo específico, o da Ecologia, que não considera elementos presentes nas Ciências Sociais e Humanas. Inclusive há uma discussão entre os pesquisadores da área sobre até que ponto uma definição ecológica poderia dar conta de mudanças sociais. (MCGREAVY, 2016).

Os discursos orientados à resiliência envolvem também interesses e disputas. Os cientistas sociais - e os pesquisadores de comunicação em particular - devem, como argumenta McGreavy (2016) , reconhecer a discursividade da resiliência. Como o conceito é usado e em quais contextos, além de quais são as funções sociais e políticas para qual ele serve. Ao mesmo tempo que a resiliência pode promover novos mercados e se inserir no *status quo* social e econômico a partir da justificativa de riscos inevitáveis (articulada ao discurso de uma necessidade de segurança climática), ela também pode ser articulada para impulsionar mudanças mais profundas, de cultura e comportamento (que se coloquem em oposição à ordem estabelecida).

⁵ No original: “[...] definitions of resilience generally emphasize coping, which relies on reducing vulnerability, resisting and adapting to change, and returning to a desirable situation as quickly as possible”.





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

**FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO
URBANO RESILIENTE AO CLIMA**

Financing Urban Climate-Resilient Development



Há diferentes formas de mobilizar a ideia de resiliência. Pelling (2011), por exemplo, vê a resiliência como um primeiro estágio de adaptação, mas que mantém o *status quo*. Para abordar os riscos climáticos, este estudioso propõe três movimentos orientados para a adaptação: resiliência (ligada à estabilidade), transição (implica mudança social incremental e exercício dos direitos existentes) e transformação (englobando reivindicações a novos direitos e mudanças nos regimes políticos). Considerando essa compreensão em níveis, Pelling (2011) ressalta que medidas visando à resiliência podem permitir injustiças e práticas insustentáveis, sobretudo em contextos de muitas assimetrias de poder – nesses casos, ações imediatas, visando a manutenção do *status quo*, podem gerar problemas de longo prazo. É preciso entender exatamente quem é beneficiado e por quais razões, afinal, o debate sobre enfrentamento climático também está atravessado por disputas de interesses.

O documento temático sobre resiliência urbana do HABITAT III (Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável realizada em Quito, Equador, em de outubro de 2016) reforça esse cuidado com os efeitos para além de uma situação localizada. “Por melhor intencionadas que possam ser, estratégias de desenvolvimento que tenham como foco somente um setor ou problema podem acabar desencadeando novas ameaças ou mesmo perdendo a oportunidade de transformar positivamente a cidade” (ONU-HABITAT III, 2015, p.2).

Segundo o PBMC (2016, p.15), a adaptação é “o ajustamento nos sistemas naturais ou humanos em resposta a estímulos climáticos reais ou esperados, ou seus efeitos, o que permite explorar oportunidades benéficas”. A adaptação é uma estratégia de combate aos riscos climáticos geralmente associada à geoengenharia ou outras tecnologias e respostas técnicas, como, por exemplo, fortalecimento da infraestrutura.

Nas esferas públicas brasileiras, as discussões sobre adaptação e resiliência tendem a ser enquadradas pela noção mais ampla de “enfrentamento”. Em sua análise da resiliência climática, o Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC, 2016, p.25)

ISSN 2675-3456

72





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

**FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO
URBANO RESILIENTE AO CLIMA**

Financing Urban Climate-Resilient Development



ênfatisa a importância de “reduzir a pobreza” e de incluir “grupos marginalizados”. Além de apontar para a necessidade de construir uma “infraestrutura capaz de garantir uma participação significativa e alcançar a equidade face às mudanças e rupturas socioeconômicas, e uma ampla participação das partes interessadas (por atores-chave) no planejamento de políticas e na tomada de decisões” (*Ibid.*, p.22). De acordo com essa visão, a resiliência é entendida como a capacidade de lidar com os efeitos das mudanças climáticas, respondendo de forma competente e equitativa aos riscos climáticos futuros e melhorando a capacidade de aprender e transformar.

Supõe-se que isso implique a substituição de práticas de poder centralizadas por mecanismos de governança inclusivos e abertos. Como entendido aqui, a governança é um processo que engloba arenas de negociação envolvendo a sociedade civil, o mercado e o Estado, e onde há participação descentralizada e corresponsável (JACOBI, 2012). Portanto, o foco na governança e na participação democrática na tomada de decisões é crucial para diminuir as vulnerabilidades e melhorar a qualidade das medidas adotadas para a resiliência climática, ao mesmo tempo em que aprimora a equidade e a justiça.

Cidades e municípios são considerados arenas-chave da governança, pois são os espaços onde os impactos das mudanças climáticas são mais sentidos e onde grandes quantidades de emissões de gases de efeito estufa se originam. Embora não se espere que os agentes locais resolvam o problema sozinhos, o empoderamento local permitiria um gerenciamento mais eficiente e direto das infraestruturas urbanas e serviços essenciais, e a regulação e controle das ações (MARTINS & FERREIRA, 2011).

3. JORNALISMO E ENFRENTAMENTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

ISSN 2675-3456

73





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

**FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO
URBANO RESILIENTE AO CLIMA**

Financing Urban Climate-Resilient Development



Como os efeitos das mudanças climáticas estão cada vez mais visíveis e, muitas vezes, associados aos desastres, cabe incluir como os meios de comunicação são chamados a colaborar com esse processo no marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030:

Os meios de comunicação devem: assumir um papel ativo e inclusivo nos níveis local, nacional, regional e global, contribuindo para a sensibilização e para o entendimento do público, e divulgar informações precisas e não confidenciais sobre risco de desastres, perigos e desastres, incluindo desastres de pequena escala, de modo fácil de entender, simples, transparente e acessível, em estreita cooperação com as autoridades nacionais; adotar políticas de comunicação específicas para a redução do risco de desastres; apoiar, conforme apropriado, sistemas de alerta precoce e medidas de proteção para salvar vidas; e estimular uma cultura de prevenção e forte envolvimento da comunidade em campanhas de educação pública e consultas públicas em todos os níveis da sociedade, em conformidade com as práticas nacionais. (UNISDR, 2015, p.21)

Dessa forma, mais do que disseminar soluções que possam minimizar danos ou evitar desastres, cabe ao jornalismo mobilizar suas funções política e pedagógica, como identifica Bueno (2007) ao tratar do jornalismo ambiental, e permitir o debate sobre uma cultura de prevenção. É preciso que o jornalismo deixe apenas de reagir aos fatos e contribua com a formação de sociedades mais resilientes por meio da amplificação de informações qualificadas e que apontem caminhos para o enfrentamento da emergência climática.

Nota-se, entretanto, que a cobertura da imprensa sobre o tema nem sempre tem cumprido com responsabilidade seu papel de qualificar o debate público e influenciar de forma propositiva a percepção dos cidadãos. Vivarta (2010), em sua análise de 50 jornais brasileiros de diferentes estados, de julho de 2005 a dezembro de 2008 (dividida em dois períodos), revela picos de cobertura seguidos por períodos de esvaziamento, e aponta que os periódicos de abrangência nacional apresentam índices mais expressivos em relação ao tema que aqueles de circulação regional ao longo do monitoramento efetuado.

ISSN 2675-3456

74





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO URBANO RESILIENTE AO CLIMA

Financing Urban Climate-Resilient Development



Logo, a imprensa regional/local ainda desempenha um papel aquém do que poderia no debate desse tema.

Outro problema comum é focar a crise no âmbito global, inclusive trazendo imagens representativas de áreas cobertas por gelo, sem *links* com as demais escalas. Loose (2016, p.417), a partir de pesquisa realizada no jornal local *Gazeta do Povo*, que circulava diariamente em Curitiba, afirma que a imprensa reforçou a separação da crise global com a realidade cotidiana das pessoas:

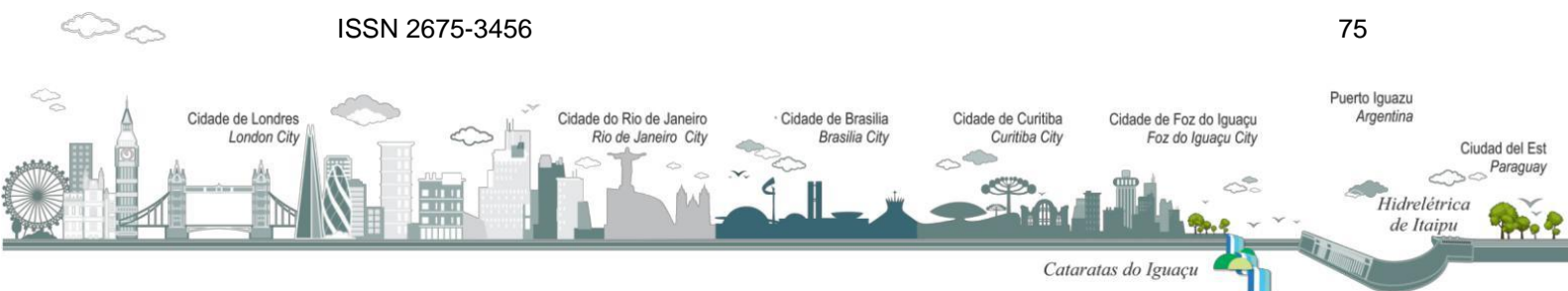
[...] a desarticulação da relação local-global, amplificada pelo maior jornal de Curitiba, [...] contribui para uma desmobilização dos leitores, já que estes não são sensibilizados para as causas e consequências das MCs no lugar onde vivem. Tal enquadramento favorece a percepção de não risco real. Afinal, o que devo temer se os efeitos climáticos estão relacionados ao aumento do nível do mar e moro a mais de 900 metros de altitude em relação a este? Como me afligir com o urso polar se não vejo a conexão de sua extinção com o meu dia a dia?

Ainda que as notícias não sejam os únicos elementos que forjam as percepções de riscos, elas são um elemento importante, especialmente quando não experienciamos as situações. No caso das mudanças do clima, como os riscos climáticos são invisíveis e impactam diferentes lugares de forma aleatória, a representação da mídia se faz mais relevante para constituição da percepção. Ainda segundo Loose (2016, p.417), o jornalismo, “[...] por meio de sua visibilidade, estaria permitindo que um grande número de pessoas tivessem acesso à informação, considerada por muitos pesquisadores como o primeiro passo para o exercício da cidadania efetiva”.

Para que os riscos climáticos sejam conhecidos e depois enfrentados, eles precisam da visibilidade e legitimidade social conferidas pelo jornalismo. Olausson (2011) sublinha que é crucial reconhecer a mídia como intermediário-chave entre ciência, política, cultura e cidadãos, bem como seu papel na definição das agendas públicas sobre mudanças climáticas. A invisibilidade do processo de mudança climática, suas múltiplas escalas espaciais e temporais e as inúmeras incertezas que impedem correlações simplificadas entre um evento climático extremo e a mudança climática

ISSN 2675-3456

75





WORKSHOP FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO URBANO RESILIENTE AO CLIMA

Financing Urban Climate-Resilient Development



antropogênica tornam os jornalistas ainda mais importantes como mediadores do conhecimento científico (WOLF & MOSER, 2011).

Além disso, as mudanças climáticas envolvem questões complexas e diferentes esferas sociais, como práticas de negócios, regulamentação governamental e posições éticas. Na construção simbólica das mudanças climáticas por meio da identificação, apresentação e debate público (HANNIGAN, 1995), os jornalistas têm que recorrer a uma variedade de atores sociais, incluindo cientistas, ativistas, políticos e outros. A pluralidade de vozes, defendida pelos teóricos do jornalismo ambiental, também se faz necessária para discutir o tema a partir de vários enfoques e questionamentos.

Painter (2019), ao discutir obras que revelam os desafios da cobertura jornalística sobre clima, situa vertentes distintas, desde autores que pontuam a existência de jornalistas que não questionam as estruturas econômicas e sociais dominantes, causadoras de problemas ambientais, auxiliando a manutenção de uma estrutura alinhada com o crescimento econômico a qualquer custo, até autores que acreditam que o jornalismo possa exercer um papel mais eficaz entre seus públicos, colaborando para um verdadeiro enfrentamento. “Como fazer isso? Contando histórias locais, inspirando resistências e transformações no nível da comunidade e ampliando contrarrarrativas para pessoas que estão se tornando cidadãos ativos⁶” (PAINTER, 2019, p.427, tradução nossa).

Na medida em que se concentra em realidades diretamente conectadas aos cidadãos, o jornalismo local é um domínio privilegiado para estabelecer conexões entre as mudanças climáticas e experiências sociais específicas. Pode fazer ligações com o que geralmente é percebido como uma questão global e distante, e fornecer informações qualificadas para o exercício da cidadania. A escala local é mais acessível aos cidadãos

⁶ No original: “How to do this? By telling local stories, inspiring community-level resistance and transformations, and amplifying counternarratives for people who are becoming active citizens”.





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

**FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO
URBANO RESILIENTE AO CLIMA**

Financing Urban Climate-Resilient Development



do que outros e oferece mais oportunidades para vários modos de envolvimento com as mudanças climáticas (LORENZONI, NICHOLSON-COLE & WHITMARSH, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão proposta procura evidenciar o papel do jornalismo no âmbito do enfrentamento da crise climática. O jornalismo, além de informar, reúne funções atreladas à educação, fiscalização do poder público e agendamento do debate a respeito de políticas e ações melhorar a resiliência das cidades. Como ator fundamental na mediação entre diversos públicos, tem a potencialidade de provocar a percepção de risco climático e o debate amplo. Também pode, a partir de uma posição mais propositiva, fomentar a disseminação de estratégias de adaptação climática, colaborando para o enfrentamento dos riscos e desastres associados ao clima.

Ressalta-se, especialmente, a relevância da imprensa local, que está mais próxima dos problemas urbanos, reconhecendo suas vulnerabilidades e soluções. Ao estar mais familiarizada com a realidade urbana, o jornalismo pode auxiliar, por meio de informações qualificadas e da visibilização de bons exemplos de enfrentamento, a construção coletiva de comunidades mais resilientes.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Majoara, 2007.

HANNIGAN, John. **Sociologia ambiental**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

IPCC. **Fifth Assessment Climate Change 2014**. Disponível em: <
<https://www.ipcc.ch/assessment-report/ar5/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

ISSN 2675-3456

77





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

**FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO
URBANO RESILIENTE AO CLIMA**

Financing Urban Climate-Resilient Development



JACOBI, Pedro Roberto. Desafios à governança e participação popular no Brasil. In: COSTA RIBEIRO, Wagner (Org.). **Governança da ordem ambiental internacional e inclusão social**. São Paulo: Annablume; Procam; IEE, 2012. p.69-88.

LORENZONI, Irene; NICHOLSON-COLE, Sophie; WHITMARSH, Lorraine. Barriers perceived to engaging with climate change among the UK public and their policy implications. **Global Environmental Change**, v.17, p.445-459, 2007.

LOOSE, Eloisa Beling. **Riscos climáticos no circuito da notícia local**: percepção, comunicação e governança. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Curitiba-PR, 2016.

MARTINS, Rafael D'Almeida; FERREIRA, Leila da Costa. Uma revisão crítica sobre cidades e mudança climática: vinho velho em garrafa nova ou um novo paradigma de ação para a governança local? **Revista de Administração Pública**, v.45, n.3, p.611-641, 2011

MCGREAVY, Bridie. Resilience as Discourse, **Environmental Communication**, 10:1, p.104-121, 2016.

OLAUSSON, Ulrika. We're the Ones to Blame: Citizens' Representations of Climate Change and the Role of Media. **Environmental Communication: A Journal of Nature and Culture**, v.5, n.3, p.281-299, 2011.

ONU-HABITAT III (Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável). **Documento temático da Habitat III – Resiliência Climática**. New York, 31 de maio de 2015. pp. 1-10. Disponível em: http://habitat3.org/wp-content/uploads/15-Resili%C3%A7%C3%A3o-Urbana_final.pdf.

PAINTER, James. Climate Change Journalism: Time to Adapt, **Environmental Communication**, 13:3, p.424-429, 2019.

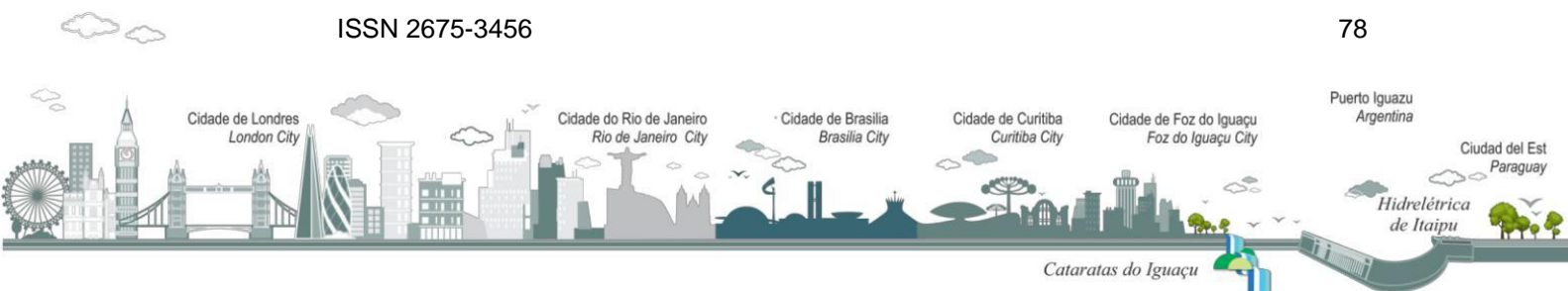
PBMC. **Mudanças Climáticas e Cidades**. Relatório Especial do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas [Ribeiro, S.K., Santos, A.S. (Eds.)]. PBMC, COPPE – UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

PELLING, Mark. **Adaptation to Climate Change**: From resilience to transformation. London & New York, Routledge, 2011.

PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2007-2008: Combater as alterações climáticas: Solidariedade humana num mundo dividido**. UM Plaza, New York: PNUD, 2007.

ISSN 2675-3456

78





UK - BRASIL INTERNATIONAL

WORKSHOP

09 a 13
Setembro
2019

Foz do Iguaçu | Paraná | Brasil

FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO
URBANO RESILIENTE AO CLIMA

Financing Urban Climate-Resilient Development



UNISDR. **Sendai Framework for Disaster Risk Reduction 2015-2030**. Disponível em: <http://www.unisdr.org/we/inform/publications/43291>. Acesso em: 03 set. 2019.

VIVARTA, Veet (Coord.). **Mudanças climáticas na imprensa brasileira**: uma análise comparativa de 50 jornais nos períodos de julho de 2005 a junho de 2007- julho de 2007 a dezembro de 2008 (Relatório de Pesquisa/2010). Brasília, DF, Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), 2010.

WOLF, Johanna; MOSER, Susanne. Individual understandings, perceptions, and engagement with climate change: Insights from in-depth studies across the world. **Wiley Interdisciplinary Reviews—Climate Change**, v.2, n.4, p.547-569, 2011.

ISSN 2675-3456

79

